



Falsos amigos, amigas de verdade

Lúcia Barnea*

Raanana, Israel

luciabarnea@hotmail.com

Tali e Rocío nasceram no mesmo hospital, quase no mesmo dia.

A Cidade era grande e espalhada; tinha a parte velha e a nova. Na Cidade Velha, protegida por um muro, ficavam os templos de oração. Tem muita história e estória para contar essa Cidade.

As duas se conheceram no jardim de infância. A turma era pequena, mas divertida, todo mundo era legal, cada criança a seu jeito. Rocío rodopiava de cadeira de rodas, Roni engatinhava de tapa-olho e ganhava força nas perninhas.

As duas mães mal se conheceram e já se sentiam amigas. Mas havia um problema – os pais não falavam a mesma língua! Vieram de Cidades além-mar, onde se falavam outras palavras para dizer a mesma coisa. Mais que nada, as mães falavam com as mãos e com o coração. É assim quando a gente gosta, mas quase não tem língua para se expressar.

Chegava o dia de Festa e a mãe da Rocío convidou para um almoço. As duas famílias finalmente se conheceriam, forte emoção nas duas casas. Comida gostosa, muita e colorida. O pai da Rocío terminou de comer e voltou para a mesa carregado de surpresas em um saco vermelho. As crianças voaram para a sala e todos desembulharam seus presentes ao lado da Árvore. Rocío e Tali não foram batizadas no mesmo templo, na mesma tradição; a amiga convidada demandava, curiosa, todo detalhe diferente que percebia na casa da anfitriã. Tali e a família voltaram encantados. Fora, a neve caía satisfeita.

As meninas brincavam no jardim de infância e as mães costuravam novos encontros. Outra Festa se aproximava, agora era a mãe da Tali quem convidava. Os dias passavam, mas não chegava! É assim quando a gente quer muito alguma coisa. Você já percebeu?

Finalmente a família da Rocío chegou, que alegria! As meninas brincavam, os irmãos corriam, as mães riam à toa, os pais aprovavam. Todos lavaram as mãos e esperaram em silêncio o pai da Tali abençoar o pão em forma de biscoito quadrado grande, também o vinho doce.

* Antropóloga social e escritora.



Terminada a ceia, o pai convidado levanta um brinde à amizade e retira do bolso seu pequeno discurso na língua que se falava na casa da Rocío. *Gracias pela...*

– *Comida esquisita?????* – *Como assim?* – *O quê?*

– *TODO!!!*

– *Como?* – *Vocês não gostaram, então?*

A careca do pai da Rocío suava, a mãe da Tali enrugava a testa, sem palavras para explicar o que ela mal entendia.

– *Al contrário, estava todo excelente!!!*

– *Como assim?*

– *Em que língua?* Perguntou o irmão da Tali, a mão no celular, em busca de tradução, antes que a situação empiorasse. O menino era danado.

Foi a mãe da Rocío quem salvou: – *como em outras línguas, excelente, exquis, excelente. Saboroso, delicioso, especial!*

O irmão danado da Tali arrematou e desenrolou o mal-entendido: – para nós, em casa, excelente quer dizer estranho, pra comida é mau agouro.

Todos caíram na gargalhada, mais espertos e tranquilizados pela explicação compartilhada.

Rocío e Tali continuaram a frequentar a mesma classe por muitos anos. Aprenderam a língua da Cidade e começaram a traduzir o que os pais não compreendiam. Diferente dos falsos amigos das duas línguas, as amigas seguiram fiéis e até hoje se divertem com o incidente na casa da Tali.

Glossário:

Falsos amigos...

Enviado em: 30/09/2024

Aprovado em: 30/10/2024